

CARINHO

ESTORINHA PRA CRIANÇA

(1º ESBOÇO)

Era uma vez um alguém muito especial, de quem muito todo mundo gostava.

Podia ser criança, jovem ou velho, dependendo de com quem conversava.

Mas quase sempre era criança, porque eram elas que mais o chamavam. Não era nem menino, nem menina.

Quer dizer, às vezes era menino, às vezes menina.

Não, nada disso. Tá difícil de explicar...

É o seguinte: às vezes "parecia" menino, tinha jeito de menino, voz de menino, brincava que nem menino;

mas outras vezes "parecia" menina, tinha andar de menina, brincava de boneca que nem menina e até fazia xixi que nem menina. Entendeu agora?

Bom, deixa eu continuar.

Suas roupas mudavam de cor a cada instante.

Tinha horas que usava camisa vermelha. Que nem tomate.

Depois mudava e vestia uma camiseta azul. Que nem o céu.

Seus beijos eram cheios de amor e seus abraços igual a um cobertor, tão cheio de calor que era.

Seus joelhos sabiam brincar de cavalinho como nenhum outro par de joelhos sabia.

Seus olhos tinham um olhar que mudava tudo.

Se a gente estava nervoso, ficava logo calminho.

Ou se estava chorando, logo logo ficava sorrindo.

Não tinha casa, mas morava junto com todo mundo,

com cada um a ^{o mesmo} ~~seu~~ tempo,

em qualquer lugar do mundo.

Ele nasceu no dia em que todo mundo nasceu e nunca vai morrer porque sempre vai ter alguém precisando dele.

Sua voz era tão bonita! E sabia cantar cantigas alegres e gostosas de se ouvir.

Seu nome era um monte de nomes, pois cada um lhe dava um nome diferente.

Mas para chamá-lo, não era preciso gritar seu nome.

Era só ter ^{alguém} ~~uma criança~~ triste que ~~ele~~ logo aparecia.

E se estivesse chorando, aí é que ele vinha voando.

Eu o chamava de Carinho, porque era a coisa que as crianças mais precisavam ter quando ficavam tristes.

Mas isso era quando a gente era criança.

Agora que a gente é grandão desse jeito, a gente vive fingindo que não precisa mais que o Carinho venha pra perto da gente.

Mas é tão bom quando ^{O CARINHO MESMO} ~~ele~~ vem ^{MESMO} sem a gente chamar...

Paulo Fernando Vogel

Mar/85